

ALCESTE COM AUTORIA PARTILHADA: EURÍPIDES E SARAMAGO NO FESTEIA XXIII

ALCESTE, SHARED AUTHORSHIP: EURIPIDES AND SARAMAGO AT FESTEIA XXIII

CARLOS LIZ

CECH – FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CARLOSLIZ2059@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-0460-0359](https://orcid.org/0000-0002-0460-0359)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 06/09/2022

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 28/06/2023

233

Que fazer com Alceste? É esta a intrigante pergunta-título que é colocada aos espectadores de mais uma edição do Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico, que decorreu em maio e junho de 2022. A peça, ela própria uma matéria com múltiplas interrogações ao longo do tempo acerca da sua tipologia, é uma produção do Grupo Thíasos, que iniciou a sua atividade em 1991, e em parceria com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da FLUC. A encenação é de Daniela Pereira, que assina a dramaturgia juntamente com Carlos Jesus. Tal como tem sucedido nas anteriores edições do FESTEIA a representação da obra não se restringe à Faculdade de Letras da UC, percorrendo espaços como o Teatro Académico de Gil Vicente (17 de maio, dia da estreia), a Biblioteca Municipal de Alcobça (dedicada a escolas, em 2 de junho), o Museu Monográfico de Conímbriga (10 de

junho), o Centro de Convívio de Soutelo (2 de julho) e as Ruínas de Conímbriga (14 de julho).

Uma sessão particularmente significativa foi a de dia 22 de junho, no Teatro Paulo Quintela na FLUC. Uma data escolhida por ser o dia de aniversário da Professora Luísa de Nazaré Ferreira, falecida em 2019, aos 49 anos de idade, deixando uma profunda saudade na comunidade académica. Nessa noite de 22 de junho, precedendo a representação de *Que fazer com Alceste?* foi projetado o vídeo *In Memoriam de Luísa Nazaré Ferreira*.

Alceste ocupa apenas três páginas do extenso registo publicado de *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, uma obra em três volumes coordenada por Maria de Fátima Sousa e Silva e publicada na Coleção Estudos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entre 1998 e 2004. Assim, *Alceste* chega ao público português, pela primeira vez, através da rádio em 1956, numa adaptação de Eurico Lisboa Filho, no âmbito de uma série de produções de teatro radiofónico promovida pela Emissora Nacional.

234 Será preciso esperar onze anos para que se volte a ouvir e, desta vez, a ver *Alceste* em português. A iniciativa veio de Amélia Rey Colaço, no quadro de um programa dedicado ao teatro da Antiguidade Clássica denominado *Tardes Culturais*, que volta a contar com o Professor do Conservatório Nacional Eurico Lisboa Filho na seleção do texto representado. De facto, trata-se quer na edição radiofónica de 1956, quer na representação de 1967, no Teatro Avenida em Lisboa, apenas de excertos da tragédia de Eurípides. Num outro registo, o musical, Lisboa tinha podido assistir em 1957, no Teatro Nacional de S. Carlos, à récita, na tradução alemã, de *Alceste* de C. W. Gluck (escrita em 1767) pela Companhia de Ópera do S. Carlos.

Chegamos a 2022 e voltamos a ter, em Portugal, *Alceste* em palco, agora com o título *Que fazer com Alceste?* Trata-se da oitava peça de Eurípides posta em cena pelo Grupo Thíasos. Entre 2001 (*Heraclidas*) e 2018 (*Medeia*) os públicos do FESTEIA puderam assistir a *As Suplicantes* (2006), *Hipólito* (2010), *Andrómaca* (2014), *As Bacantes* (2016) e *Hécuba* (2018).

E, tal como em 1956 e 1967, agora em 2022 é apresentada numa versão não integral. Mas *Que fazer com Alceste?* não se fica pela seleção de partes da obra de Eurípides, antes surge enriquecida com a contribuição de José Saramago, mais exatamente do seu romance *As Intermitências da Morte*, publicado em 2005 pela Porto Editora.

A peça, com dramaturgia de Daniela Pereira e Carlos Jesus, está estruturada em seis cenas, com um prólogo, em que a personagem Morte, sozinha em palco, fala de si mesma com as palavras de Saramago¹. Num jogo de perfeita simetria, a peça termina com outro extrato da obra saramaguiana², desta vez dito por Hércules, após a saída de cena de Admeto e Alceste. Os dois extratos utilizados nesta versão da peça de Eurípides, contíguos na obra de Saramago, embora trocados na ordem de entrada em cena, ocupam um lugar central no desenvolvimento da narrativa.

Uma frase na p. 144 faz a ligação direta entre o romance de Saramago e a peça de Eurípides: “Na verdade, nunca se viu que não morresse quem tivesse de morrer”. Não cabe na notícia desta representação no FESTEIA XXIII uma análise detalhada das “justificações” da chamada de Saramago ao tema “Alceste”, mas valerá a pena ir até à p. 171 do romance para encontrar um outro ponto de contacto, com implicações cénicas, entre *As Intermitências da Morte* e a adaptação *Que fazer com Alceste?*: Ficamos a saber que há um plano da morte e que “como num jogo de xadrez, a morte avançou a rainha. Uns quantos lances mais deverão abrir caminho ao xeque-mate e a partida terminará.” Logo no levantar do pano, quando se vê o palco verifica-se que, num canto da sala de estar, está um tabuleiro de xadrez sobre uma mesa baixa. E quer no romance de Saramago, quer na peça de Eurípides, a Morte perde a partida...

A versão de 2022 de *Alceste*, uma produção de Arthur Montenegro e Carlos Jesus, requer a participação de quatro atores (Alexandra

1 Cf. Saramago 2015: 151-152.

2 Cf. Saramago 2015: 149-150.

Tavares, Diogo Duarte, Gabriella Oliveira e Nuno Vasco) que representam seis personagens: Morte, Feres, Hércules, Mulher, Alceste e Admeto. Esta seleção exclui Apolo, o que convida a pensar no seu significado. A função do Coro surge distribuída pelas diversas personagens, de algum modo exprimindo, no plano formal, um compromisso entre o cânone clássico e a leitura mais contemporânea. A encenação de Daniela Pereira, também responsável pelo Guarda Roupas e Adereços juntamente com Arthur Montenegro, procura intensificar a experiência da audiência, indo para além da declamação das diversas falas. A peça inclui a linguagem vídeo na cena 3, com projeção de dança (Ana Seíça é dançarina e responsável pelo Apoio ao Movimento, sendo a coreografia de Tom Brasil), e com uma forte componente de música: onze composições de cantores e bandas atuais.

Na mesma linha de intensificação da experiência para o espectador, e numa inesperada prova de respeito pelo espírito e letra do original euripideano, encontramos na cena 4, em voz off (a voz de Guilherme Marques, que assina também o trabalho de Som da peça) vinte e cinco versos em grego clássico (435-444 e 455-476). Trata-se de um extrato que corresponde à maior parte do segundo estásimo de *Alceste*. O Coro de anciãos de Feres louva a coragem da “mais nobre das mulheres” e formula um desejo: “quisessem os deuses que eu tivesse meios e poder para trazer-te da morada de Hades e da corrente do Cocito até à luz, com o remo que golpeia as águas infernais”.

Retomando a intrigante pergunta-título *Que fazer com Alceste?* com que abrimos esta notícia, e focando na tipologia desta obra, retenha-se a posição da encenadora ao dizer, em entrevista no canal do youtube da Universidade de Coimbra que “a peça em si, decidimos tornar oficialmente uma comédia”, uma tarefa de algum modo facilitada pelo destaque dado a Hércules, presente em palco desde a cena 1 até ao final da peça, o que difere substancialmente do original grego, em que Hércules apenas entra em cena no terceiro episódio. Daniela Pereira reforça este peso da personagem quando afirma “a perspetiva da história é sempre

a perspectiva de Hércules”. O herói termina como vencedor do jogo de xadrez, afirmando que venceu graças à sua capacidade estratégica, a qual teria aprendido com a sua irmã Atena. A negociação final com a Morte permite-lhe ganhar três dias. Uma nova troca de almas, desta vez por Diomedes, o Trácio, vai prolongar a vida de Alceste.

A interrogação-título desta versão do Grupo Thíasos continua a ser pertinente: há um sentido desconcertante de *gamificação* ao longo de toda a peça, que leva Hércules, pela voz de Saramago, a concluir que “A morte está zangada. É a altura de lhe deitarmos a língua de fora”. O esquematismo da pergunta “É uma comédia? Ou uma tragédia? Ou mesmo um drama satírico?” revela os seus limites. Eurípides e, na verdade, também Saramago, não se deixam facilmente aprisionar por classificações genológicas de contornos rígidos.

